

## A paisagem cultural em sítios históricos rurais de imigração italiana

### Virginia Gomes de Luca



Arq. Urb., Me. Arq. Urb. (Universidade Federal de Santa Catarina), Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma [Santa Catarina], Brasil. <vgdeluca@gmail.com>.

### Alina Gonçalves Santiago



Arq. Urb., Doutora em Geografia (Université de Paris I: Pantheon-Sorbonne). Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis [Santa Catarina], Brasil. <alina@arq.ufsc.br>.

CONPADRE'2010. Aprovado para apresentação.

Conferência Internacional sobre Patrimônio e Desenvolvimento Regional. Campinas e Jaguariúna [Brasil], 2010.

### Resumo

Este trabalho busca reconhecer a paisagem cultural em sítios históricos rurais de imigração italiana como detentora de valor patrimonial e identidade. A abordagem a respeito das paisagens rurais resulta das observações e análise dos aspectos culturais e do conjunto de práticas cujo significado ajuda a compreender a verdadeira dimensão do patrimônio rural da imigração italiana. Sua relevância encontra-se no estudo das transformações da paisagem por meio dos valores e costumes dessas comunidades, que resultou em uma nova categoria patrimonial denominada paisagem cultural. A pesquisa bibliográfica buscou demonstrar a importância da paisagem enquanto detentora de valor patrimonial e foi complementada pela pesquisa de campo realizada na localidade de Rio Maior, no município de Urussanga/ Santa Catarina. Também foi realizada uma pesquisa sobre a localidade de Erto e Casso, local de onde vieram os imigrantes que iniciaram a colonização da localidade de Rio Maior, com o intuito de demonstrar as divergências e similaridades da arquitetura e da paisagem dos cassanos na Itália e da produzida por eles no sul do estado de Santa Catarina. Os conjuntos edificados cuja implantação, características arquitetônicas e técnicas construtivas singulares no contexto nacional são testemunhos de hábitos, costumes e usos característicos da área de imigração em Santa Catarina durante o século XIX e XX. Desta maneira, foi possível identificar como o imigrante italiano transformou seu entorno, seja por meio da organização espacial de sua moradia, seja pela sua relação de troca com a natureza.

### Palavras-chave

Paisagem Cultural, Imigração Italiana, Arquitetura Rural.

## The cultural landscape on rural areas from Italian immigration

### Abstract

This paper aims at recognizing the cultural landscape in rural historical sites of Italian immigrants as providers of patrimonial value and identity. The approach in respect of rural landscapes from the observations and analysis of cultural aspects and set of practices whose meaning helps to understand the true size of the rural heritage of Italian immigration. Its relevance is found in the study of the landscape transformation through values and habits of these communities, that results in a new patrimonial category named cultural landscape. The bibliographic research looked forward to showing the importance of the landscape as a patrimonial value provider and was complemented by a field research held in Rio Maior, in Urussanga, Santa Catarina state. Also a search was conducted on the location of Erto e Casso, place where they came from immigrants who started the colonization of the town of Rio Maior, in order to demonstrate the differences and similarities of architecture and landscape of Cassanos in Italy and produced by them in the southern state of Santa Catarina. The building collection of which the implantation, architecture characteristics and construction techniques, unique in national territory, are witnesses of habits, customs and usage that characterize the immigration area in Santa Catarina state in XIX and XX centuries. This way it was possible to identify through the inventory of rural sites and visual analysis of the landscape, how the Italian immigrant has transformed where he lived by the spacial organization of his house as well as his relation of exchanging with the nature.

### Keywords

Cultural Landscape, Italian Immigration, Rural Architecture.

## Introdução

Desde a década de oitenta, tem crescido o reconhecimento da diversidade cultural no Brasil. A característica étnica da sociedade brasileira atribuída à presença portuguesa, que juntamente ao negro e ao índio explicava a formação e as características históricas da nação não era mais suficiente. A partir do final do século XIX, imigrantes provenientes de várias nacionalidades vieram contribuir com o que hoje caracteriza o Brasil como um país formado por várias etnias. Na construção da identidade cultural, as correntes migratórias do fim do século XIX constituem parte do processo civilizatório nacional, sendo parte fundamental da cultura, da política e da economia.

Esta pesquisa busca estudar as características da arquitetura e da paisagem rural produzidas pelo imigrante italiano no sul do estado de Santa Catarina. A fixação do homem rural foi desenvolvida principalmente no cotidiano e a partir de seus modos de vida nos são apresentados os elementos materiais e imateriais que se encontram presentes na vida das comunidades rurais.

As transformações produzidas pelos imigrantes no ambiente natural produziram uma nova categoria patrimonial conhecida como paisagem cultural. A paisagem cultural possui uma visão integrada do patrimônio que engloba os bens naturais e os bens culturais e atinge as dimensões materiais e imateriais. Na paisagem cultural, o constante processo de envolvimento do homem com seu meio natural torna o conceito ainda mais complexo do que uma paisagem em estágio primitivo. Aliando as duas vertentes do patrimônio cultural, a material e a imaterial, a dimensão imaterial constitui a singularidade da paisagem cultural, sendo esta a que determina ou condiciona a paisagem, constituindo uma unidade singular e infinitamente mais rica, sendo tão digno de registro e proteção quanto à fauna, a flora e o patrimônio edificado (DELPHIM, 2004).

A organização espacial, a concentração de características históricas e a evidência do período de seu desenvolvimento distinguem uma paisagem histórica rural de seu entorno imediato. Na maioria das vezes, e isso ocorreu com o imigrante italiano, o ambiente natural influenciou o caráter, a composição da área rural e a maneira como usavam a terra. Por sua vez, os povos com as tradições, as tecnologias e as atividades modificaram consciente e inconscientemente o ambiente natural. O habitat rural nos oferece um universo formal cuja diversidade é mais sincrônica do que diacrônica e que se constitui em torno de necessidades constantes e primordiais mais do que sob a influência do fato político, ideológico ou cultural. Máquina de produzir, imagem ativa dos elementos componentes da natureza local, se conjuga em um determinismo que não exclui os símbolos, as habitações rurais são todas elas de imenso símbolo do acordo e da luta do homem e da natureza (PARENT, 1984).

A abordagem a respeito das paisagens rurais apresentada nesta pesquisa resulta das observações e análise dos aspectos culturais e do conjunto de práticas, cujo significado ajuda a compreender verdadeira dimensão do patrimônio rural da imigração italiana. Examinando as características da arquitetura e as práticas rurais criadas pelas populações tradicionais ainda é possível observar fortes resíduos da cultura do imigrante nas paisagens.

Os imigrantes italianos foram estabelecidos em regiões praticamente intocadas, localizadas no interior do estado de Santa Catarina e fragilmente ligadas aos núcleos luso-brasileiros já instalados no litoral. Assim, desenvolveram as chamadas 'ilhas culturais', que formam contextos culturais praticamente inalterados e de grande valor patrimonial, caracterizado basicamente pela ausência de monumentalidade, diversidade de técnicas construtivas e tipologias arquitetônicas.

A região sul do estado de Santa Catarina, pela quantidade de imigrantes italianos que recebeu, configura-se como uma verdadeira região de cultura ítalo-brasileira. É nesta região que se encontra a mais forte manifestação da arquitetura rural da Itália setentrional, ainda hoje preservada nas antigas construções e parte das construções novas que mantêm algumas referências formais e espaciais tipicamente italianas. Entre os recursos culturais, a região dispõe de rico patrimônio, onde é destaque a importância dos acervos de interesse histórico-cultural que representam os municípios de Nova Veneza, Pedras Grandes, Orleães e Urussanga.

O patrimônio da região de imigrantes em Santa Catarina é predominantemente rural e vêm passando por transformações que o colocam em risco. Grande parte das propriedades rurais está ao menos parcialmente desativada em seu potencial agrícola ou tende ao abandono da atividade. Esta pesquisa não tem como objetivo apenas a preservação da herança cultural do imigrante. Visa, principalmente, reconhecer o valor patrimonial da paisagem cultural da imigração italiana por meio da proteção e da valorização do indivíduo enquanto agente detentor do conhecimento necessário para a manutenção do patrimônio rural do estado.

## **Paisagem Cultural**

A paisagem é tema de interesse de diversas áreas de conhecimento. No entanto, foi na Geografia que o debate foi desenvolvido de forma mais abrangente e profunda. Trata-se de um subcampo da disciplina, conhecida como Geografia Cultural, que alicerçado na tradição que emergiu no final do século XIX e início do século XX, ganhou novas dimensões durante o último quartel do século XX. A ampliação temática é uma dessas novas dimensões. Os novos temas dizem respeito tanto à materialidade da cultura quanto os aspectos não materiais. (ROSENDAHL E CORRÊA, 2005)

O método morfológico de análise da paisagem, desenvolvido por Carl Ortwin Sauer, surgiu ao final do primeiro quartel do século XX nos Estados Unidos. Em seu estudo

'A morfologia da paisagem', publicado em 1925, Sauer definiu a paisagem geográfica como o resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural. A paisagem cultural é, nas palavras de Sauer (1998), modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado.

A paisagem cultural é um artefato simultaneamente natural e cultural constituída por elementos que a tornam portadora de diferentes valores que podem lhe conferir interesse patrimonial. A noção de patrimônio está ligada a três categorias: tempo, espaço e valor. Segundo Delphim:

*[...] O valor da paisagem cultural decorre de sua função e de sua capacidade de reter marcas e registros antrópicos. O homem é um dos elementos de valor na paisagem, muitas vezes o principal. Sob a ótica cultural a leitura e compreensão da paisagem não se limita ao espaço. É também temporal. A paisagem testemunha e preserva dados de épocas passadas, sob os pontos de vista geológico, paleontológico e arqueológico. Qualquer marca que o homem introduza na paisagem significa uma modificação para sempre, um novo significado, um diferente valor patrimonial. Técnicas materiais, crenças religiosas e ideológicas perpassam cada paisagem. A paisagem é uma chave para a compreensão do passado, do presente e do futuro (DELPHIM, 2004, p.5).*

Por definição, a paisagem cultural surge quando é conferido valor aos bens gerenciados pelo homem sobre o seu espaço e expressa a sua relação com o meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo.

### **Breve relato do patrimônio cultural do imigrante italiano em Santa Catarina**

Os imigrantes italianos, assim como os alemães, foram estabelecidos em regiões praticamente intocadas, localizadas no interior do estado e fragilmente ligadas aos núcleos luso-brasileiros já instalados no litoral. Assim, desenvolveram as chamadas 'ilhas culturais', que formam contextos culturais praticamente inalterados e de grande valor patrimonial, caracterizado basicamente pela ausência de monumentalidade, diversidade de técnicas construtivas e tipologias arquitetônicas.

A região sul do estado de Santa Catarina, pela quantidade de imigrantes italianos que recebeu, configura-se como uma verdadeira região de cultura ítalo-brasileira. É nesta região que se encontra a mais forte manifestação da arquitetura rural da Itália setentrional, ainda hoje preservada nas antigas construções e parte das construções novas que mantêm algumas referências formais e espaciais tipicamente italianas. Entre os recursos culturais, a região dispõe de rico patrimônio, onde é destaque a importância dos acervos de interesse histórico-cultural que representam os municípios de Nova Veneza, Pedras Grandes, Orleães e Urussanga.

A Diretoria de Patrimônio Cultural da Fundação Catarinense de Cultura tombou as mais representativas edificações do patrimônio cultural do imigrante italiano no sul do estado. Em Nova Veneza, encontra-se o conjunto de pedra da família Bratti,

considerado o mais excepcional conjunto de edificações construídas em taipa de pedra da região de Santa Catarina, com data de 1892/ 1915. Em Pedras Grandes, encontram-se três edificações que fazem parte do conjunto de arquitetura de colonização italiana no sul do estado. No município de Orleans, encontra-se o sobrado da família Barzan, edificação construída por volta de 1925, em pedra aparente auto portante com vergas em arcos abatidos. Também em Orleans encontra-se o conjunto de construções denominado Museu ao Ar Livre, criado em 1975, constituído de réplicas de unidades de produção tradicionais na região trazidos pelos primeiros colonizadores italianos.

O núcleo de Urussanga configura-se como o maior conjunto urbano de características tipicamente italianas no estado de Santa Catarina. Os sobrados coloniais em torno da Praça Anita Garibaldi compõem com a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição uma visualidade específica da colonização, que deve ser preservada em sua totalidade enquanto conjunto. Urussanga possui seu patrimônio arquitetônico tombado pela Fundação Catarinense de Cultura, sendo que os processos para tombamentos começaram no ano de 1994 e foram homologados em 23 de novembro de 2001. Atualmente, o município conta com dezoito edificações tombadas na zona urbana central, localizadas no entorno da Praça Anita Garibaldi e outras seis edificações na zona rural.

Embora de caráter singelo, a arquitetura traduz um quadro evolutivo, que vai desde unidades expressivas da cultura italiana como os sobrados austeros passando por unidades próprias do ecletismo. Mesmo apresentando esta heterogeneidade de linhas arquitetônicas, o conjunto de edificações possui uma volumetria e um gabarito ainda uniforme, sendo a praça o agente conformador do espaço urbano.

As edificações em sua maioria possuem caráter urbano da época, implantadas no alinhamento das ruas, com afastamento lateral dando acesso às dependências posteriores, formando pequenos pátios. Na sua maioria são edificações térreas ou sobrados de até dois pavimentos, construídos em alvenaria mista de tijolos e pedra. Na cobertura geralmente eram usadas telhas capa-canal, terminando sobre cimalha e com platibanda na fachada principal. Em geral ostentam fachadas com características ecléticas, algumas com influência da linguagem neoclássica e outras com a discreta e geométrica tendência racionalista (ver Figura 01).



Figura 1. Praça Anita Garibaldi, município de Urussanga. Fonte: Virginia Gomes de Luca.

No meio rural, os conjuntos são compostos por residência, cozinha, moinhos e detalhes como cantina no porão construída em pedra, telhado em duas águas com

aproveitamento do sótão, pequenas janelas alinhadas e cimalkas em cantaria de pedra. Outras características importantes são a cozinha separada do corpo central da casa, além de varandas e balcões ornamentados com lambrequins de madeira.

O patrimônio artístico e arquitetônico é mais rico nas edificações religiosas com suas pinturas internas e esculturas em madeira como altares, púlpitos e principalmente imagens sacras. A Igreja Católica, desde o início, sempre teve um papel importante nestas comunidades e isso constata ainda hoje através de inúmeras manifestações religiosas.

O acervo arquitetônico da imigração está disposto ao longo de um caminho que espelha um processo histórico de ocupação do território catarinense ao sul, a partir da segunda metade do século XIX. Situadas na paisagem aos pés da Serra Geral, estas edificações destacam-se por sua volumetria e relação com seu entorno. São testemunhos de cultura e tradições trazidas ao Brasil por imigrantes de diversas partes do mundo. A grande falta de recurso fez com que eles utilizassem o material disponível na região adaptando-os a suas técnicas construtivas. Desta forma, o sul de Santa Catarina conta com autênticos exemplares em madeira, pedra e tijolos.

### **Estudos da Paisagem e do patrimônio rural do imigrante**

Os estudos que se seguem buscam demonstrar as divergências e similaridades da arquitetura e da paisagem da localidade de Erto e Casso, no norte da Itália e da localidade de Rio Maior, no sul de Santa Catarina, localidade esta colonizada inicialmente pelos cassanos. Após uma breve descrição de ambas as localidades, são apresentadas a análise resultante dos aspectos considerados relevantes.

O resultado da aplicação e modificação das tradições trazidas pelos imigrantes resultou em conjuntos edificados cuja implantação, características arquitetônicas e técnicas construtivas singulares no contexto nacional são testemunhos de hábitos, costumes e usos característicos da área de imigração em Santa Catarina durante os séculos XIX e XX.

### **Localidade de Rio Maior, Urussanga [Santa Catarina]**

Rio Maior está localizada há cerca de 6 km ao norte do centro da cidade de Urussanga [Santa Catarina], seguindo pela Rodovia SC 446 que liga o litoral à serra catarinense. Os imigrantes chegaram a Rio Maior junto com os primeiros colonizadores italianos da região, em 1878. Margearam o rio e logo que receberam seu lote de terra, cada colono fez uma pequena roçada e derrubou o mato para construir um pequeno rancho coberto de palha e fechado por ripas, para abrigar a família.

Aproximadamente vinte famílias de cassanos estabeleceram-se em um lugar de morros elevados e de numerosas quedas d'água, ocupando os lotes de traçado reticulado de número 89 ao 114. Eram provenientes de Erto e Casso, no norte da Itália, que possuía características geológicas semelhantes ao local destinado a eles na colônia.

Cancellier, Mazurana e Mazzucco (1989) apontam que por alguns anos, os recém chegados imigrantes plantavam unicamente milho e feijão para consumo da família, pois não havia transporte nem mercado para comercialização da produção. Quando foi iniciada a construção da estrada de ferro Dona Tereza Cristina, os cassanos, por serem todos pedreiros, encontraram ocupação na construção de pontes, pontilhões e bueiros e assim melhoraram sua situação financeira. Foi principalmente com o que ganharam trabalhando na construção da estrada de ferro que os colonos de Rio Maior pagaram o seu terreno. A economia da localidade acompanhava a da colônia como um todo: agricultura, plantação de cana, fabricação de aguardente, plantação de uvas e criação de suínos para as fábricas de banha de Pedras Grandes e Orleães.

A partir da década de 40, o cultivo de fumo incentivado pelas indústrias e o trabalho nas minas de carvão nas proximidades e municípios vizinhos fixaram os descendentes dos colonizadores. Após o funcionamento da Estrada de Ferro a situação melhorou e o excedente dos produtos da lavoura pôde ser exportado pelo porto de Laguna para o Rio de Janeiro.

Hoje a economia da localidade é baseada na agricultura, pecuária, avicultura e produção de hortifrutigranjeiros comercializados nos municípios próximos. Possui grande potencial turístico que pode envolver o patrimônio histórico e os pontos de venda de produtos coloniais produzidos na região (compotas de frutas, artesanato, vinho colonial, entre outros) que estão surgindo às margens da rodovia. Está surgindo iniciativas particulares para transformar os sobrados históricos em pousadas alternativas e restaurantes, construção de cabanas para acolher os turistas e cursos junto ao Serviço Nacional de Aprendizagem Rural de Santa Catarina (SENAC / SC) para implantação de pousadas familiares e gastronomia. Ainda hoje, a localidade apresenta manifestações culturais como a Festa de São Gervásio e São Protásio, Festa de São João do Rio Maior, Grupo de Teatro Amador e Contadores de Histórias.

### **Localidade de Erto e Casso [norte da Itália]**

Erto e Casso é uma comunidade italiana da região do Friuli-Venezia Giulia, província de Pordenone, a 775 m acima do nível do mar e estende-se por uma área de 52 km<sup>2</sup>. Na Itália, os cassanos eram pedreiros, originários de região montanhosa onde a agricultura era possível somente para subsistência. O terreno era quase todo estéril, rochoso e impróprio para a agricultura. Para isso, desenvolveram técnicas de plantio através da construção de terraços protegidos por taipa, que no inverno ficava coberto de neve (ver Figura 2).



Figura 2. Comunidade de Erto e Casso, região de Friuli Venezia Giulia, província de Pordenone, norte da Itália. Fonte: <[www.magicoveneto.it/Belluno/Vaiont/CassoF01.htm](http://www.magicoveneto.it/Belluno/Vaiont/CassoF01.htm)>.

Cancellier, Mazurana e Mazzucco (1989) também descrevem como os cassanos viviam em casas construídas de pedra e cobertas de lajes e tinham dois, três e até quatro andares, com poucas janelas. Quase todas as casas tinham porão, que servia de estábulo, onde conservavam as vacas no inverno, durante quatro meses. (...) O estrume era precioso para o cultivo das pequenas hortas construídas em terraços arrumados por taipas onde se cultivava batata, repolho, alface e algum milho e feijão. Mas tudo o que produziam não era suficiente para o sustento das famílias e os homens iam trabalhar fora na primavera e no verão. Por não serem propriamente agricultores (no máximo cultivavam hortas), mas um pouco de tudo, pastores, trabalhadores em construção de estrada de ferro, em perfuração de túneis, pedreiros, etc, os habitantes de Casso tinham um estilo de vida diferente das localidades vizinhas e de quase todo o meio rural da Itália. Apesar da pobreza, cada família era possuidora da casa onde morava, do estábulo e da sua horta. Por isso eram livres, ao contrário dos camponeses de outras partes que nada tinham de seu, nem casa, nem terra e nem animais e cultivavam a terra do patrão em troca de uma parte da produção para poder viver pobremente.

### Aqui e lá: a paisagem e a produção do espaço

A diversidade da organização dos espaços aglutinados em uma única edificação, que aqui no Brasil foram desmembradas segundo cada função, é a diferença mais notória em relação à habitação rural da Itália. A ausência de habitação coletiva na imigração italiana, em contraste com a situação na Itália, decorre do regime de pequena propriedade, mas, sobretudo da afirmação de liberdade, tão incisiva nos sentimentos e atitudes dos imigrantes. Daí a repulsa pela habitação coletiva, que lembraria a antiga vassalagem na pátria de origem (POSENATO, 1982). Em Erto e Casso, esta organização espacial produz percepções diferenciadas que geram quadros visuais sucessivos. A mobilidade espacial ocorre em estreitas estradas vicinais calçadas em pedras irregulares ou gramadas e escadarias emolduradas pelas edificações austeras em pedra extraída do próprio local (ver Figuras 3 e 4).



Figuras 3 e 4. Organização espacial da comunidade de Erto e Casso, norte da Itália. Fonte: <[www.magicoveneto.it/Belluno/Vaiont/CassoF01.htm](http://www.magicoveneto.it/Belluno/Vaiont/CassoF01.htm)>.

Ambas as localidades são emolduradas pelas montanhas e tanto aqui como lá, o campanário da Igreja de São Gervásio e São Protásio aparece como ponto focal na paisagem. O cemitério está localizado a uma pequena distância da igreja e os caminhos de terra surgem como vias de ligação. A divergência já apontada anteriormente é a maior concentração de edificações na comunidade italiana (ver Figura 5) contraponto à dispersão e à ocupação orgânica observada em Rio Maior (ver Figura 6).



Figura 5. Comunidade de Erto e Casso, norte da Itália. Fonte: <[www.magicoveneto.it/Belluno/Vaiont/CassoF01.htm](http://www.magicoveneto.it/Belluno/Vaiont/CassoF01.htm)>.



Figura 6. Comunidade de Rio Maior, município de Urussanga. Fonte: Virginia Gomes de Luca.

Em Urussanga, os cassanos também construíram sua igreja em homenagem aos seus santos padroeiros da Itália: São Gervásio e São Protásio. A igreja com campanário separado do corpo principal é um costume italiano trazido ao Brasil, e

fazem parte da tradição dos conjuntos de prédios religiosos da península itálica. Ambas apresentam também óculo no frontão triangular e marcação na entrada principal (ver Figuras 7, 8 e 9).



**Figura 7.** Chiesa di San Gervasio e San Protasio Martiri. Fonte: Centro Regionale dei Catalogazione e Restauro dei Beni Culturali.



**Figuras 8 e 9.** Igreja de São Gervásio e São Protásio, em Rio Maior. Fonte: Virginia Gomes de Luca.

Nas Figuras 10 a 19 é possível verificar a divergência na organização do espaço que ocorre entre as vilas rurais italianas e a produzida aqui pelo imigrante. No Brasil, a abundância de terra arável permitia que os colonos implantassem sua construção diretamente no lote, onde mantinham uma relação direta com sua produção rural.



**Figura 10.** Vila rural de Erto e Casso, norte da Itália. Fonte: <[www.magicoveneto.it/Belluno/Vaiont/CassoF01.htm](http://www.magicoveneto.it/Belluno/Vaiont/CassoF01.htm)>.



**Figura 11.** Organização do espaço produzida pela imigrante. Propriedade de Idalino de Lorenzi Canever, localidade de Rio Maior, Urussanga. Fonte: Virginia Gomes de Luca.

Em relação à técnica construtiva, o uso da pedra em Erto e Casso é praticamente unânime em seus elementos arquitetônicos (ver Figura 10). Em Rio Maior, além da pedra, os italianos criaram processos nativos para o uso da madeira em função da abundância deste material, além do barro, utilizado para o assentamento de tijolos e empregado como material de reboco (ver Figuras 12, 13 e 14; Figuras 15, 16 e 17).



Figuras 12, 13 e 14. Técnica construtiva predominante na comunidade de Erto e Casso, norte da Itália. Fonte: Centro Regionale dei Catalogazione e Restauro dei Beni Culturali.



Figura 15, 16 e 17. Técnicas construtivas da localidade de Rio Maior. Fonte: Virginia Gomes de Luca.

Verifica-se que, além da divergência da organização espacial ocorrida nos núcleos rurais construídos aqui pelos imigrantes, um dos principais elementos diferenciais foi a adaptação das técnicas construtivas em função da existência de materiais nativos como madeira e barro. As Figuras abaixo apresentam similaridade percebida na construção das esquadrias em madeira falquejada, dobradiças em ferro e vergas retas.

A existência de técnicas construtivas distintas das produzidas no país de demonstram a adaptação do imigrante a nova realidade encontrada. Embora alguns historiadores tenham valorizado muito as construções em pedra por manterem um vínculo direto com o país de origem, a nós nos parece que as construções de tábua são bem mais significativas, por expressarem verdadeiramente a adaptação do imigrante ao novo meio. O uso da madeira não implicou o abandono da alvenaria de pedra, que continuou a ser muito usada na construção das cantinas. Assim, talvez fosse mais correto dizer que o tipo de construção mais característico era o misto, com base de pedra e corpo e cobertura de madeira (WEIMER, 2005).



**Figura 18.** Esquadria em Erto e Casso. Fonte: Centro Regionale dei Catalogazione e Restauro dei Beni Culturali.



**Figura 19.** Esquadria em Rio Maior. Fonte: Virginia Gomes de Luca.

## Os núcleos rurais da imigração italiana

Os imigrantes formaram espontaneamente em seus núcleos coloniais uma estrutura social e religiosa bem delineada. Tanto o governo como os loteadores particulares não conceberam estes núcleos como unidades sociais: não havia áreas reservadas para edificações religiosas e mesmo comunitárias. Sendo assim, no centro de convergência e socialização das comunidades rurais da imigração surgiam as capelas com campanário separado, construídas em terrenos doados pelos colonos e com a colaboração de grande parte da comunidade. Localizada em local de destaque, conformavam um local de convivência e concentração de uso comunitário como comércio, salão, escola e também o cemitério.

## Implantação no lote e organização dos espaços

Como explicam Gutierrez e Gutierrez Filho (2000),

*[...] diferente do sistema europeu, os colonos implantaram sua arquitetura não em aldeias rurais, mas diretamente no lote. Ao contrário do norte da Itália, onde se vivia em pequenas vilas, com poucas terras para cultivar e pouco espaço disponível nas casas, os colonos se depararam com enormes territórios não ocupados pelos europeus. A colocação dos imigrantes em lotes isolados, afastando as famílias, rompeu com a forma de vida até então conhecida na Itália (GUTIERREZ e GUTIERREZ FILHO, 2000, p.65).*

A organização dos espaços diverge no Brasil daquela adotada na Europa. Lá, as instalações residenciais rurais aglutinavam-se numa única edificação e aqui foram desmembradas segundo cada função. Esta diversidade de programa aparece como a diferença mais notória em relação à habitação rural da Itália, que se deve à diferença de clima e à abundância de solo no Brasil. Estas convergências verificam-se, sobretudo na organização não aglutinada das instalações rurais (casa, cozinha e instalações domésticas de apoio e edificações complementares), devido aos paralelos na forma de organização social em terras brasileiras, sobretudo a pequena propriedade: lotes rurais unifamiliares, margeando estradas paralelas, a policultura e o trabalho familiar livre. Posenato (1983) explica que

*[...] ambas as etnias (alemã e italiana) romperam com o sistema europeu preferencial de uma única edificação abrigando todas as funções, que na Europa interessava, pela conservação do calor e economia do solo arável (POSENATO, 1983, p.519).*

O inverno rigoroso da Europa fazia a calefação problema prioritário. A lenha era escassa e tornava-se necessário aproveitar o calor irradiado pelos animais. Havia também a necessidade de reduzir a ocupação das terras com edificações para economizar o solo arável. No Brasil, a temperatura torna-se fator desagregador, afastando estábulo, galinheiro, chiqueiro – com seus odores e insetos – das áreas de habitação. A extensão relativa das terras não levava o imigrante a preocupar-se em economia de solo na implantação de sua arquitetura, como corrobora Bertuzzi (1987):

*[...] o espaço generoso do lote rural levou o distanciamento necessário entre a casa e outras atividades cujas características de ordem higiênica ou de segurança tornava preferível a separação. Assim, a cozinha, local em que tudo terminava por estar coberto pelo negro fumo da fuligem passou a ser um componente em separado da casa de dormir, para onde o colono só se dirigia após a janta. O mesmo aconteceu com os chiqueiros e o estábulo que levaram consigo o paiol e o celeiro de grãos para os animais (BERTUZZI, 1987, p.125).*

No lote colonial, com cerca de 25 hectares, a família do colono se dedicava à agricultura de subsistência quase autônoma com venda de excedentes. Conta com a casa rural que engloba uma série de edificações isoladas, formando um conjunto destinado às diversas atividades como casa, cozinha, edificações domésticas de apoio, além das edificações complementares. Para a construção da casa residencial, geralmente era escolhido um ponto nas proximidades do curso d'água, que nesse aspecto atuou diretamente na implantação das moradias rurais. Baldessar (1991): aponta que

*[...] este era o problema número um a resolver (a casa residencial). A primeira foi a casa improvisada. Depois de ter algum abrigo improvisado, o imigrante começava a instalar-se um pouco melhor. Geralmente era escolhido um ponto nas proximidades do curso d'água e, se possível em terreno descendente, para ter um porão nos fundos, pensando na adega para vinhos. Nesses casos os porões eram construídos em paredes de pedra. Nisto os imigrantes eram especialistas, verdadeiros artistas, pelas práticas em sua pátria-mãe. Houve quem constrísse casas inteiras em pedra trabalhadas de forma impecável (BALDESSAR, 1991, p.71-72).*

O restante do lote era organizado com áreas de plantio, horta, pomar e reserva de mato nativo. O parreiral inicialmente produziu o vinho para consumo próprio – que se tornou em seguida o principal produto de comercialização, por isso passaram a ocupar muitos hectares.

O sistema de agricultura de subsistência contava com venda da produção excedente e a aquisição de outros produtos que não era possível obter no próprio lote. Isto resultou na grande diversificação da produção artesanal, como por exemplo: a fabricação do vinho em cantinas familiares; as práticas artesanais de embutidos a partir da criação de aves e suínos e a produção de conservas a partir da produção de frutas e hortaliças. A produção envolvia o trabalho da própria família e ausência de empregados, como consequência da política de colonização fundada no regime da pequena propriedade baseada na policultura, transformando o imigrante em pequeno produtor com mão-de-obra familiar.

## Conjunto de edificações da propriedade rural do imigrante italiano

### A casa de dormir

A casa de dormir constitui o volume principal, mais avantajado e de melhor acabamento construtivo. Segundo Posenato (1982), representa o orgulho do imigrante pela sua nova condição adquirida no Brasil, uma vez que

*[...] o colono italiano vindo de um sistema de vassalagem em que o acesso à propriedade não lhe era possível, recebia no Brasil mais terra que as propriedades dos nobres europeus. A casa representava então sua afirmação como indivíduo senhor de si e livre, simbolizando um monumento à sua realização como pessoa e demonstrando seu imenso amor pela terra. Daí o tamanho avantajado das casas, embora as famílias numerosas (POSENATO, 1982, p.8).*

A casa de dormir divide-se em três setores:

- Porão: ficava parcialmente escavado e era construído com paredes de pedra para enfrentar a umidade dos muros de arrimo, que permitiam que o porão se conservasse em condições ideais de umidade e temperatura para conservação de salames, queijos e vinhos. Possui aberturas gradeadas ou treliçadas para ventilação constante. O acesso é feito por abertura posterior ou lateral, sem comunicação interna com os outros pavimentos.
- Ala residencial: compunha-se de sala central ou corredor mais ou menos largo, sem mobília e com os dormitórios ao redor, formando duas alas. A sala era ocupada para refeições em dias santificados, em festas ou velórios. Por vezes, um destes dormitórios era transformado em pequena despensa e por uma pequena escada, tinha-se acesso ao sótão. Em outros casos a escada de acesso ao sótão podia estar situada na sala.
- Sótão: situado sob a cobertura geralmente sem forro. Possui pouca altura, com aberturas baixas na parte frontal da residência ou nas laterais. Aproveitando-se o fato de ser quente e seco era utilizado para estocagem de cereais. Algumas

residências apresentam um cômodo com divisória em madeira, que servia como dormitório (ver Figuras 20, 21 e 22).



**Figuras 20, 21 e 22.** Três setores da casa de dormir: porão com cantina parcialmente escavada com entrada frontal, propriedade de Francisco de Assis Ceron, localidade de Rio Carvão, em Urussanga; apropriação da ala residencial, propriedade de Ângelo Bonot, localidade de Rio América Baixo em Urussanga e sótão, sobrado de Italina Mourão Soratto, em Urussanga. Fonte: Virginia Gomes de Luca.

## A cozinha

A cozinha constitui-se em um volume que, quando não anexo à casa de dormir, apresenta-se separado do corpo principal ou ligado por um corredor coberto (ver Figuras 23 e 24). Gutierrez e Gutierrez Filho (2000), explicam que é

*[...] possível que a justificativa se encontre na abundância de espaço e materiais existentes na propriedade brasileira, sendo possível isolar os cômodos da fumaça, das cinzas, do picumã e dos odores. Essa hipótese tende a ser comprovada depois de ser observada a evolução dos fogões e do modo de cozinhar; quando não havia mais esses desconfortos, a cozinha passou a ser incorporada ao corpo da casa, como no caso de seus antepassados europeus (GUTIERREZ e GUTIERREZ FILHO, 2000, p.51).*

Esta característica é comum a toda arquitetura residencial das classes dominantes brasileiras da época, como explica Lemos (1979):

*[...] Já no século XIX, o século dos viajantes memorialistas, que inestimável contribuição forneceram com as descrições feitas dos lugares de pouso e cidades percorridas, o quadro geral é o mesmo: cozinhas e demais satélites são ligadas ao exterior onde fogão, tanque, bica, cisterna, paiol, despensa, curral e pomar confundiam-se num só complexo onde o clima e o elemento servil são determinantes (LEMOS, 1979, p.65).*



**Figuras 23 e 24.** Cozinha separada da residência principal, propriedade de Sérgio Maestrelli, localidade de Rio Carvão, Urussanga ou cozinha ligada à residência por um corredor coberto. Propriedade de Olga de Preza Dominelli, localidade de São Bento Alto, Nova Veneza. Fonte: Virginia Gomes de Luca.

Consta de apenas um ambiente ou com anexo que funcionava como despensa. Servia de estar e local de convívio da família antes e depois das refeições. Na cozinha ficava o fogolaro, espécie de fogão primitivo de forma retangular com terra batida e fogo dentro, onde uma corrente pendendo do teto sustentava a panela e mais tarde foi substituída pelo fogão a lenha, mesa para refeições e caixas de farinhas e lenhas, que normalmente serviam de assento e possuíam encosto.

### Instalações domésticas de apoio

Junto com a casa e a cozinha, formam o conjunto das atividades residenciais que podem ser: abastecimento de água (fonte, poço ou cisterna), lavagem de roupa, forno, instalações sanitárias entre outros (ver Figuras 25 e 26).

Em relação às instalações sanitárias, Posenato (1997) explica que

*[...] nas primeiras décadas, não existiam latrinas e muito menos banheiros nas moradias dos imigrantes italianos e seus descendentes. O paulatino melhoramento das condições de vida generalizou as latrina, muitas vezes implantadas sobre um curso d'água. Como as latrinas ficavam afastadas da casa, nos quartos de dormir não podiam faltar o urinol sob a cama, e para lavar o rosto foram freqüentes os tripés com bacias e jarro d'água, que remontam os etruscos. [...] Os banheiros surgiram mais tarde, e em muitas casas, foram edificadas em período posterior, anexo a elas (POSENATO, 1997, p.238-239).*

### Edificações complementares

Edificações e espaços organizados com finalidade de produção do lote colonial, tais como abrigo para animais (estábulo, chiqueiros, galinheiros) e implementos agrícolas, depósito para cereais (paiol), oficinas, alambiques, estufas de fumo, entre outros (ver Figuras 27, 28, 29 e 30).



**Figura 25.** Antigo forno de pães e biscoitos. Propriedade de Livia Maccari Maestrelli, localidade de Rio América Baixo, em Urussanga. Fonte: Virginia Gomes de Luca.



**Figura 26.** Instalação sanitária (latrina). Propriedade de Idalino de Lorenzi Canever, localidade de Rio Maior, Urussanga. Fonte: Virginia Gomes de Luca.

## Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo o reconhecimento da paisagem cultural em sítios históricos rurais de imigração italiana como detentora de valor patrimonial e identidade. Foi importante então, estudar os conjuntos edificados cuja implantação, características arquitetônicas e técnicas construtivas são testemunhos de hábitos, costumes e usos característicos da área de imigração em Santa Catarina durante o século XIX e XX.

O estudo sobre o patrimônio cultural de Santa Catarina analisado sob a ótica da paisagem natural e construída do imigrante italiano no sul do estado veio ao encontro dos estudos que vêm sendo realizados a mais de duas décadas pela Fundação Catarinense de Cultura e Superintendência Regional do IPHAN em Santa Catarina. Com a pesquisa a sites da comunidade de Erto e Casso, no norte da Itália, foi possível estudar como era a arquitetura produzida pelos imigrantes que vieram para o sul do estado e seus desdobramentos na nova realidade encontrada.



**Figura 27, 28, 29 e 30.** Edificações complementares: conjunto formado por estufa de fumo, estábulo galinheiro e depósito, propriedade de Mário de Lorenzi Cancellier, localidade de Palmeira do Meio, Orleans; serraria e atafona movidas à roda d'água, propriedade da Família Bez Fontana, na localidade de Rio América Baixo, em Urussanga; serraria, propriedade de Angélico Ronconi, localidade de Rio Salto em Urussanga e conjunto formado por chiqueiro, estrebaria e depósito. Propriedade de Livia Maccari Maestrelli, localidade de Rio América Baixo em Urussanga Fonte: Virginia Gomes de Luca.

A categoria paisagem cultural defendida pela Unesco pode ser aplicada em nível regional e local às que representam 'as obras conjugadas do homem e da natureza' de qualquer grupo humano e não apenas às paisagens de valor excepcional. A paisagem é dinâmica e seus elementos se transformam pela ação das forças naturais e culturais em sua dimensão material e imaterial, por meio da marca da cultura dos povos sobre o território que ocuparam. Desta maneira, o foco de preservação passa a ser o indivíduo e não propriamente a paisagem, uma vez que seu valor não está presente apenas a 'beleza cênica'. A permanência do homem no meio rural garante a manutenção do patrimônio arquitetônico e a paisagem cultural em sítios históricos rurais de imigração italiana, pois é ele, o homem, o principal elemento a atribuir valor à paisagem.

## Referências

BALDESSAR, Quinto Davide. **Imigrantes: sua historia costumes e tradições no processo de colonização no sul do Estado de Santa Catarina.** [Criciúma]: [s. n.], 1991. 276p.

BERTUZZI, Paulo Iroquez. Elementos da arquitetura da imigração italiana (121-154), in WEIMER, Günter. **A arquitetura no Rio Grande do Sul.** 2ª ed. [por] Paulo Iroquez Bertuzzi [et. al.] Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. 224p.

CANCELLIER, Olivo de Lorenzi; MAZURANA, Valdemar; MAZZUCCO Antonio. **Rio Maior: traços culturais e transformações de um grupo de imigrantes italianos do Sul de Santa Catarina.** Orleães: Elo, 1989. 138p.

**Centro Regionale di Catalogazione e Restauro dei Beni Culturali.** Regione Autonoma Friula Venezia Guilia. Disponível em: <<http://217.12.180.10/catalogazione/search/Ricerche.aspx?TSK=A&G=5&C1=PVCC|PVC|ERTO+E+CASSO&Start=1>>. Acesso em: 13 fev. 2007.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **Intervenção em jardins históricos:** manual. Brasília: IPHAN, 2004. 152p.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya; GUTIERREZ FILHO, Rogério. **Arquitetura e assentamento italo-gaúchos (1875-1914).** 1. ed. Passo Fundo: Ed.UPF, 2000. v. 500. 85 p.

LEMOS, Carlos A. C. **Cozinhas, etc.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

PARENT, Michel. O Futuro do Patrimônio Arquitetônico. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Rio de Janeiro: IPHAN, 1984, n. 19, p. 112-123.

POSENATO, Júlio. **Arquitetura italiana no Rio Grande do Sul.** Texto resumido de uma pesquisa patrocinada pela Fondazione Giovanni Agnelli, 1982. 42p.

———. **Arquitetura italiana no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: EST / EDUCS, 1983. 600p.

———. **Arquitetura italiana no Espírito Santo.** Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1997. 560p.

ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia**: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. 226p.

SAUER, Carl O. A Morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.

WEB. Mágico Vêneto Montagna Vêneto Home Page. Disponível em:  
<<http://www.magicoveneto.it/Belluno/Vaiont/CassoF01.htm>>. Acesso em: 14 fev. 2007.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. v. 1. 332p.